

O TRABALHO DOCENTE NAS CLASSES HOSPITALARES

Maria Clara Souza Borges¹, Orientador: Roberto Kennedy Ferreira da Silva de Queiroz²

¹Graduada em Licenciatura em Letras - Português e Inglês na Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. Graduada em Pedagogia no Centro de Ensino Superior de Piracanjuba. Pós-Graduada em Docência e Prática de Ensino em Português no Centro Universitário União das Américas Descomplica. Estudante de Especialização em Ensino da Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Norte do Paraná. Estudante de Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Poxoréu/MT, Brasil. E-mail: claraborges38@gmail.com.

²Graduado em Licenciado em Ciências, Matemática, Biologia e Pedagogia; Bacharel em Biologia e Direito; Pós-graduado em Educação Inclusiva, Orientação Educacional, Gestão Pública; Mestre, Doutor e Pós doutor em Educação. Locais de graduação na sequência dos cursos: Uniceub / Falbe / UFPB / Falbe / Faculdade da Terra / IESB. Locais de mestrado, doutorado na sequência dos cursos: Universidad de Los Pueblos de Europa - Espanha / Universidad de la Empresa - Uruguai.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo, dialogar sobre o trabalho docente nas classes hospitalares. O papel do educador na área hospitalar é incentivar que pacientes que estão em tratamento de saúde deem continuidade nos seus estudos, contribuindo assim de forma positiva na realização do seu tratamento, uma vez que o paciente possa estar envolvido na busca de seu conhecimento mesmo fora do espaço escolar. A educação Hospitalar é uma área da docência onde o profissional atua como docente dentro do

hospital dando a possibilidade de continuidade aos estudos dos pacientes que por estarem em tratamento não têm a oportunidade de continuar frequentando o espaço escolar. O papel do educador é muito importante, uma vez que ele tem o papel de incentivar a continuidade dos estudos da criança que está hospitalizada, atendendo suas necessidades pedagógicas e promovendo o bem-estar social, contribuindo positivamente com os resultados alcançados. A metodologia utilizada para a construção desse artigo foi a de revisão bibliográfica, que consiste em uma revisão de material bibliográfico existente e que diz respeito ao tema.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia; Classes hospitalares; Espaço não-escolar.

INTRODUÇÃO

Com início na cidade do Rio de Janeiro, no dia 14 de agosto de 1950, o trabalho pedagógico-educacional desenvolvido em ambiente hospitalar, que presta assistência educacional à criança hospitalizada e se tornou referência para as demais classes hospitalares do Brasil, mas foi a apenas a partir da década de 90 que esse tipo de atendimento se apresentou com maior incidência, afinal, foi nesse momento em que grandes avanços se consolidaram no sistema de educação brasileiro, pois se intensificaram as propostas de democratização de ensino, acessibilidade e inclusão.

Tem-se assim uma forma de garantir a educação como direito inalienável do cidadão, inclusive aos que, em idade escolar, encontram-se hospitalizados, que por certo período de tempo são público-alvo da educação especial e necessitam do bom funcionamento da educação inclusiva, pilar para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Lembrando que a educação ofertada em classes hospitalares deve manter a boa qualidade, os professores serem preparados e estarem atualizando suas práticas docentes, materiais adequados e infraestrutura apropriada.

Desde seu surgimento, essa modalidade de ensino trouxe inúmeros benefícios para aquelas crianças que desfrutaram desse tipo de serviço educacional em hospitais públicos. É inegável os diversos avanços que sucederam desde a sua criação até a atualidade, mas ainda é pungente a necessidade de políticas de ampliação da oferta desse tipo de assistência à criança hospitalizada no país, pois o ensino de qualidade ainda não chega de forma satisfatória a todos aqueles que demandam desse tipo de atendimento especializado. Dessa forma, as classes hospitalares são efetivas garantias do direito à educação para esses indivíduos, e por esse motivo, é necessária a ampliação e o investimento.

Tendo isso, encontra-se a necessidade de discutir a questão do atendimento educacional em classes hospitalares, a fim de que se construa subsídios que possibilitem o estudo e o aperfeiçoamento contínuo dos professores que atuem nesses ambientes e a estruturação dos ambientes de ensino não-escolares, pensando em melhor atender os estudantes público-alvo dessas classes, com educação de qualidade, recursos didáticos, uso de tecnologias digitais e demais ferramentas que auxiliem.

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa adotou como metodologia a pesquisa bibliográfica, com o objetivo de realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o tema e apresentar a compreensão sobre o conhecimento já disponível acerca dessa temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvimento histórico das Classes Hospitalares no Brasil

O desenvolvimento histórico no Brasil das Classes Hospitalares ocorreu na década de 50, com a primeira Classe Hospitalar no Hospital Bom Jesus no Rio de Janeiro. Com o objetivo de que as crianças e adolescentes que estivessem hospitalizados não fossem excluídos ou prejudicados em sua formação escolar em função de sua ausência no período de internação. Desse modo nasce uma nova área de atuação para o educador, a classe hospitalar. Esse direito foi assegurado apenas no ano de 1995, com a declaração do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizada, que no Artigo 9: “Direito de desfrutar de alguma forma de

recreação, programa de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

A criança ou adolescente se comprovado necessidade de realização de tratamento, tem o direito garantido por lei de dar continuidade em seus estudos.

As necessidades educativas não se esgotam com o aspecto lúdico, mas quando se trata de uma hospitalização prolongada a criança deverá frequentar a escola e ter oportunidade de dar continuidade à sua aprendizagem. A escola deveria ser um local atraente e suficientemente apelativo tanto em material didático como na sua localização dentro do hospital – deve ter um fácil acesso, com luz natural proveniente de janelas amplas onde o “lá fora” fosse aprazível, ajardinado, onde os pássaros povoassem as árvores e a natureza fosse o prolongamento natural das salas de aulas. (OLIVEIRA, 2000, p. 61)

Devido a essa preocupação em oferecer uma educação com um ambiente lúdico, de interação e de modo que possa promover a socialização e estabelecer uma relação aluno-professor foi pensado nas classes hospitalares, onde os alunos desenvolvem uma relação entre si. A continuidade dos estudos mesmo na instituição hospitalar, agora com “espírito de escola” harmonizado para este fim, possibilita que o aluno possa desenvolver suas habilidades bem como possa superar seus desafios, elevar sua autoestima e permitir com que o aluno ocupe seu tempo e sua mente, de modo que no hospital ele está distante de sua família, amigos e da rotina com a qual era acostumado, vivenciando diversas situações, por vezes sem precedentes.

A intervenção faz com que a criança mantenha rastros que a ajudem a recuperar seu caminho e garantir o reconhecimento de sua identidade. Os contatos com sua escolarização fazem do hospital uma agência educacional para a criança hospitalizada desenvolver atividades que a ajudem a construir um percurso cognitivo, emocional e social para manter uma ligação com a vida familiar e a realidade no hospital. (ESTEVES, 2008, pp. 5-6).

A educação é um processo de transformação, a criança continuando seus estudos tende a sentir-se mais confiante e segura ao longo de seu tratamento. Os estímulos, o incentivo tende a proporcionar à criança seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. “A Sala de aula do hospital é a janela por onde a criança se conecta com o mundo” (FONSECA, 2002, pp. 58).

A criança realizando atividades, mesmo no espaço hospitalar, no contexto educacional tem a possibilidade de pertencer a uma condição anteriormente vivida e

isso contribui de forma positiva no tratamento, de modo que lhe traz prazer e sentimentos relacionados à aprendizagem. Acontece que, permitir que essas crianças tenham acesso à educação, além de ser uma garantia de seus direitos essenciais, beneficia no tratamento de saúde, melhorando a condição psicológica dessa criança ou adolescente em idade escolar, que está sobrecarregado mentalmente, e precisa suportar um fardo que não deveria ser imposto a crianças, preocupações com seu estado de saúde, com a condição financeira dos pais que por vezes precisam abandonar o serviço para acompanhar seus filhos, o fato de estar em um ambiente estranho para eles, não apenas o ambiente hospitalar, mas, muitas vezes necessitam se mudar para uma outra cidade para ter acesso aos médicos, equipamentos e remédios necessários.

As políticas de educação inclusiva

A educação em classes hospitalares é uma modalidade diferenciada de ensino e possibilita ao aluno em tratamento um atendimento educacional especializado, portanto se trata de um modo inclusivo da educação, com recursos e adaptações próprias, podendo assim ser chamada de educação especial.

Entendendo que um hospital não é o lugar ideal para a experiência escolar, mas baseado na necessidade de a criança ou adolescente estar inserido em um contexto, mesmo que distante do que seria o melhor a ser aplicado, classes hospitalares configuram uma adaptação para não deixar excluídos, violando os direitos humanos daqueles que necessitam desse atendimento especial.

A criação de classes hospitalares é uma política pública necessária para a universalização do acesso à educação, a fim de corrigir esse desequilíbrio causado pela situação em que se encontra a criança ou jovem, fundamental para seu desenvolvimento intelectual, da formação cidadã e para a inserção social do indivíduo, garantindo que esses tenham oportunidades “iguais” aos demais no futuro, assegurando uma sociedade mais justa e com equidade.

Formação docente e prática da docência no universo hospitalar

De acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990, que dispõe sobre o direito que a criança e adolescente tem sobre o acesso a saúde e educação, esse conjunto se enquadra perfeitamente nessa base, pois a criança hospitalizada que exerce seu direito de saúde também deve, por garantia, exercer seu direito de educação, por isso os pedagogos que são educadores hospitalares, carregam em si essa grande importância, pois geram impacto direto na vida dos alunos hospitalizados, que precisam desse acesso de uma forma diferenciada elaborando aulas lúdicas e especializadas. “A prática do pedagogo se dará através das variadas práticas lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a continuação dos estudos no hospital”. (WOLF, 2007, p. 2).

Os aspectos sobre o educador hospitalar são características fundamentais da profissão, porém compreendendo que o estudante não está no espaço físico escola e que seu ambiente de aprendizagem e suas condições de saúde são diferentes dos demais alunos que estão na escola. Então faz-se necessário que o professor no hospital seja: afetivo, humano, dinâmico, compreensivo, ético e comprometido com a inclusão. Que respeite as condições que a criança apresenta, nem sempre o estudante terá condições físicas e/ou psicológicas para participar ativamente e realizar as atividades propostas, e nesse contexto é primordial que o professor seja sempre um incentivador.

É necessário também que o professor hospitalar, tenha formação e capacitação na área atuante, pois é preciso saber como desenvolver o trabalho específico com a criança, como atender as necessidades e de que forma isso ocorrerá. Ao docente cabe buscar adaptação, se necessário, das atividades propostas que serão realizadas, a compreender como utilizar a ludicidade como ferramenta de aprendizagem, despertar o prazer e provocar estímulos que enriqueçam o desenvolvimento das crianças tornando a aprendizagem significativa. Ainda segundo Fonseca, 2003, o professor precisa estar preparado para trabalhar com a realidade de cada aluno, deve ter destreza e discernimentos para trabalhar com planos e programas de acordo com a situação individual de cada criança.

Segundo a DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) sobre o curso de Pedagogia sob a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, em seu art. 3º parágrafo único,

diz que formação do estudante de pedagogia deve atender para que o pedagogo possa atuar em variados campos de atuação além da sala de aula, como o caso da educação não formal, onde o pedagogo pode atuar sempre lidando com pessoas.

Vínculo entre o professor e seu aluno

O vínculo entre o professor e seu aluno nas classes hospitalares, é muito importante para o desenvolvimento do aluno pedagogicamente e a afetividade nessa relação estabelece um elo de confiança. Dessa forma o aluno se torna mais motivado a aprender e consegue focar nos estudos ao invés de focar na doença e em seu tratamento.

A relação professor-aluno nas classes hospitalares tem muito a contribuir com o processo de recuperação do paciente hospitalizado, uma vez que ele sente se valorizado e possui um tratamento humanizado e afetivo dentro do hospital, facilita seu processo de reabilitação, de recuperação estando motivado ao seu retorno às suas atividades anteriores à condição de doente.

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1989, p. 91).

O professor da classe hospitalar visa trazer benefícios aos alunos de modo que eles sejam escutados, estabeleçam diálogo e compreendam as variadas condições que podem apresentar. A comunicação baseada numa relação de confiança e afetividade, o docente precisa estar em estado de atenção quanto aos sinais apresentados pela criança ou adolescente, sejam físicos ou psicológicos.

Deve compreender suas ansiedades, suas dúvidas e proporcionar momentos de conversas onde o aluno possa expressar suas ideias, opiniões, angústias provocadas pelo meio que estão inseridos.

O educador deve propiciar a valorização do ser humano como centro da realização desse trabalho e buscar contribuir de forma positiva agregando um processo humanístico para o seu melhor desenvolvimento.

CONCLUSÃO

Esse artigo trouxe a oportunidade de conhecer a área de trabalho docente em classes hospitalares, apresentando o seu contexto histórico, o desenvolvimento dessa prática e como ela tem influenciado a formação docente e a prática da docência no universo hospitalar.

A realização desse trabalho foi positiva porque permitiu que através dos materiais de estudos, de vídeos de relatos e de pesquisas realizadas compreender a importância da trajetória trilhada pelo desenvolvimento da educação em classes hospitalares, que assim como tantas outras formas de educação especial, não acontece do nada ou de uma hora para outra, mas, se consolida a partir de inúmeras ações daqueles que lutam pensando em favorecer a educação e o bem-estar geral.

Evocamos que tal prática deve ser subsidiada por formação pedagógica que considere todas as especificidade e peculiaridade de uma pessoa hospitalizada, portanto que trabalhe humanisticamente.

O conhecimento foi abastado e asseverou a inegável contribuição do trabalho pedagógico nos contextos não-escolares, permitindo buscar cada vez mais informações que demonstrem e comprovem a importância da existência de hospitais parceiros, que possam oportunizar o aprofundamento da pesquisa nesse campo de trabalho que, ainda hoje, é pouco explorado pelos acadêmicos dos cursos de licenciatura. Entendendo também as adaptações que o educador deve fazer em sua didática quando se trata de classes hospitalares, pois o público alvo tem necessidades diferentes do costume.

Portanto, a educação e a saúde, sendo um direito garantido a todos, devem ser ofertados com qualidade de maneira que possibilitem a vivência mais harmoniosa na sociedade, entregando qualidade de vida aos que necessitem dessa forma de ensino, sendo necessárias efetivas práticas educativas e de saúde reais trabalhando para a valorização da pedagogia hospitalar, inclusive através de investimento em recursos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Neusa da Silva. A Pedagogia Hospitalar enquanto prática inclusiva. Porto Velho, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução n. 41, de outubro de 1995. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 out. 1995.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 2, de 11 de setembro de 2001. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2001.
- CURY, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 245-262, 2002.
- ESTEVES, Cláudia R. Pedagogia Hospitalar: Um breve histórico. Publicado em 2008. Disponível em: www.smec.salvador.ba.gov.br. Acesso em: 09 out. 2023.
- FONSECA, E. S. da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. São Paulo: Memnon, 2008.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. 4 PETRÓPOLIS: Vozes, 2009, 181.
- OLIVEIRA, M. E. Princípio 7. In: Santos, L. Jorge. A. Carta da Criança Hospitalizada: Comentários. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança. Caderno 1. Nov, 2000, p. 61-63.
- WOLF, R. A. do P. Pedagogia Hospitalar: a prática do pedagogo na instituição não escolar. 3. Ed. 2007. Disponível em: www.uepg.br/revista_conexao.